

A distância que  
vai de hoje a  
ontem é enorme

ANO V — N.º 142

NOVEMBRO

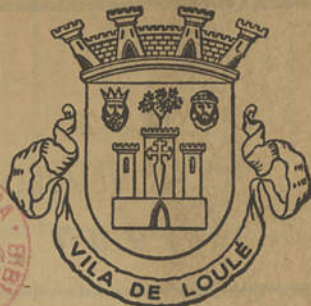
17

1 9 5 7

AVENÇA

**A Voz do**

LISBOA



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
FARO  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Loulé  
Telefone 216

## O SIGNIFICADO DE UMA VISITA

Acontecimento de alta transcendência, para os interesses políticos de Portugal, no concerto dos arcêpagos internacionais onde se projecta o destino das Nações, a visita do Chefe do Estado do Paquistão foi oportuna, dignificante e prestigiosa.

No momento em que vozes inimigas e traiçoeiras pretendem colocar, em posição deprimente, o nosso País, na Comissão das Curadorias da O. N. U., a visita do Chefe de um Povo que tem espalhado milhares de subditos seus, por terras portuguesas onde são acatados e respeitados, representa bem uma resposta ativa às faculdades de assimilação racial e espírito de compreensão e de tolerância para com outras religiões e usos.

A visita do Presidente da República do Paquistão, representa igualmente o prestígio de que gosamos no mundo, traduzido na amizade e estima de um Povo que, embora novo na organização política, tem conosco afinidades de interesses e identidade de aspirações, que datam de séculos, na luta pela constante emancipação.

A nobre atitude de perfeita solidariedade que esse País tem assumido a nosso favor, a propósito das ambições imperialistas de Nerhu, obrigam-nos a consignar-lhe todo o nosso reconhecimento, simpatia e afeição.

É porque nós, como o Paquistão, sentimos bem que por detrás dessas ambições imperialistas há o propósito de atacar aqueles que, são no confronto das ideias, dos seus sentimentos patrióticos e da sua enorme projecção espiritual ou religiosa, índices ou expoentes de uma unidade comparativa superior.

É isto que aflige o Chefe da União Indiana, onde cada subdito tem categorias definidas por uma interpretação de textos religiosos.

A visita constante de Chefes de Estado de Países ami-

gos e irmãos a Portugal não agrada aos que nos querem apoucar e diminuir, mas representa factor de valor inculcável para a defesa das nossas reivindicações no campo internacional. Factos notáveis na história do nosso prestígio universal!

Há pouco e em período agitado da vida política, onde ouvimos tanto dislate e tanta afirmação imponderada, houve quem tivesse a ousadia de classificar de puramente sumptuárias e ostentosas estas homenagens a grandes vultos Mundiais.

Mau sentido de crítica esse, que preferiria que a Nação saísse malferida de tanta distinção que nos tem sido dispensada, com tantas

(Continuação na 4.ª página)

## QUARTEIRA... EM RETRATO

Da discussão nasce a luz, diz o ditado. E pela luz começamos a responder, para ver se conseguimos chegar a uma conclusão.

Diz R. P. no seu 3.º artigo intitulado *Quarteira, a praia de Loulé*: «a Junta de Turismo que por *deturpamento de funções* explora o fornecimento de energia eléctrica, deveria dirigir-se à CEAL e propôr-lhe a distribuição em baixa tensão, durante um prazo a concessão, livrando-se de encargos e preocupações que hoje tem»...

Respondemos:

1.º — O artigo 127.º do Código Administrativo diz que compete às Juntas de Turismo deliberar sobre a iluminação pública das povoações sujeitas à sua jurisdição e sobre tudo o mais que possa contribuir para o melhoramento da Zona e esteja compreendido nas atribuições das Câmaras Municipais. — O que não podem fazer, segundo o art.º 128.º do mesmo

## Duarte Pacheco

*Passa hoje mais um aniversário daquele que soube projectar a sua fama e glória, para além da Morte!*

*Na consagração que o País lhe fez e que a nossa vila guarda naquele símbolo de pedra, carpeia-se o inacabado, o inatingido da obra, interrompida pela brutalidade da sinistra queda!*

*A nós, louletanos, cumpre-nos chorar a perda do nosso maior natural, do nosso mais ilustre conterrâneo das últimas gerações.*

*Tão grande que saindo daqui, da nossa terra humilde, projectou grandeza, actividade criadora, fomento Patrio, que chegou para Portugal inteiro e o seu nome e a sua fama ultrapassou fronteiras.*

*O renascimento e a recu-*

*peração material do País devem-lhe tanto reconhecimento como ao outro, o que tem, também como um escravo, como um asceta, promovido o renascimento e recuperação moral e espiritual da nossa Pátria: Salazar!*

*Rezemos baixinho pelo nosso, rezemos em coro com Portugal inteiro, para que se conserve a preciosa vida, da qual que soube criar o ambiente onde o nosso foi Grande!*

R. P.

## Disco voador em Quarteira

No dia 13 do corrente, em Quarteira e por volta das 20,30 foi visto sobre a povoação um corpo luminoso no espaço que se deslocava a grande velocidade no sentido do Sul poente.

Primeiramente, mesmo em frente da povoação, semelhante um grande farol de automóvel e rapidamente se deslocou descendo no sentido do poente até desaparecer na linha do horizonte.

Chuvia torrencialmente no momento, motivo por que foi visto por poucas pessoas, mas garantem-nos a veracidade desta afirmação os srs. Isidoro Martins dos Santos e sua mulher, bem como o escriptorário da Casa dos Pescadores, sr. Miguel Ferreira de Brito.

## ELECTRIFICAÇÃO DO CONCELHO DE LOULÉ

Por portaria publicada no «Diário do Governo» de 12 do corrente, pelo Ministério da Economia, foi concedida à Câmara Municipal de Loulé a comparticipação do Estado para execução da 1.ª fase da electrificação do concelho.

O projecto relacionado com esta comparticipação foi entregue na Direcção-Geral dos Serviços Electricos em Agosto de 1955 para efeito de estudo e concessão da

comparticipação do Estado durante o ano imediato. Porém só agora, quase no fim do ano tivemos a satisfação de receber tal notícia, que permite dar início aos respectivos trabalhos.

Se o benefício da comparticipação tivesse sido concedido em 1956, como se esperava, já nesta data estávamos a receber energia da CEAL e as linhas de alta tensão teriam chegado aos locais a que se destinam segundo o projecto.

Nesta 1.ª fase da electrificação do concelho incluem-se as redes eléctricas aéreas da iluminação pública e consumo particular em Boli-queime e Poço de Boli-quei- (Continuação da 4.ª página)

## A FESTA dos bacalhoeiros na FUZETA

Depois de um intervalo de sete anos, a Fuzeta realizou novamente as festas em honra de Nossa Senhora do Carmo, padroeira dos pescadores da terra. O tempo parecia não querer cooperar mas por fim, frios e ventosos, os dias não foram maus de todo e, os pescadores tiveram a sua festa.

Muitos foguetes estalando, muitos morteiros ribombando fragorosos no céu, três procissões, pregadores, a visita do Reverendíssimo sr. Bispo da Diocese e à noite arraial, fogos e mais fogos, alegria e mais alegria.

Uma das características dos pescadores bacalhoeiros da Fuzeta, é a fé profunda em Nossa Senhora. Antes de seguirem para (Continuação na 4.ª página)



O sr. Dr. Fernando Laborinho, Director da Escola Comercial e Industrial de Loulé pronunciando o seu discurso no acto de posse de cargo para que acaba de ser nomeado

## QUARTEIRA, a nossa praia

O Plano de Urbanização de Quarteira, ou melhor o ante-plano elaborado pelo Arquitecto Paulo Cunha que mereceu de todas as entidades que sobre ele se pronunciaram a mais completa aprovação, girava em volta da criação de um amplo passeio público, situado no recinto da esplanada e rematado ao fundo por um Casinó construído já na meia encosta e em lugar de destaque do relevo.

Desaparecia assim todo o miolo de edificações entre as Ruas Diogo Cão e a outra cujo nome não me ocorre, mas que passa junto à esplanada do lado nascente, para a constituição dessa Praça Pública.

A este passeio publico, do lado do Casino viria confluir uma rede de artérias que estabeleceriam a ligação com a parte antiga de Quarteira e com as novas ruas a abrir em semicírculo e com a projectada estrada de acesso à Praia, directo das proximidades do Cemitério ao Bairro balnear.

Dessas ruas transversais de ligação e das longitudinais cujo fundo era o mar,

nasceria uma extensa e vasta área de construção que resolveria nos anos próximos o problema da edificação em Quarteira, em termos acessíveis e condições propícias.

Neste arranjo urbanístico, aliás primorosamente concebido, estaria o eixo ou ponto de apoio de todo o plano de arruamentos e localização de futuros edifícios de interesse social e necessários para o progresso da Praia e bem estar dos seus frequentadores.

Diz-nos agora o sr. Presidente da Junta de Turismo (Continuação na 3.ª página)

## Nova Licenciatura

Com boa classificação acabava de concluir a sua licenciatura em Ciências Matemáticas, na Universidade de Coimbra, a nossa conterrânea sr.ª Dr.ª D. Aida dos Santos Viegas, filha da sr.ª D. Maria Antónia dos Santos e do sr. Manuel António Viegas.

A nova doutora, bem como a seus pais, apresentamos as nossas felicitações.

## O U T O N O

Ao meu Amigo e Rev.º Cônego José Augusto Alegria, com muita admiração

A tarde morre no tom das frautas rudes dos pastores, que buscam os vales, com os rebanhos, na poalha dourada do entardecer. La Tour faz deslizar no «coupé» poético, do seu sentimentalismo de pintor, os últimos românticos, cabelleiras «bal-de-têtes» unidas por um mundo aparte de sonho e de ternura.

Na harmonia da paisagem tudo é fogo, luz e cor, como numa tela de Rembrandt — como num cartaz de Knight Kauffer.

Crono, continua, activo, glorioso, retocando de oiros, fulvos e velhos, a sua última tela «O Outono», no grande atelier da Natureza.

A tarde continua a morrer, numa agonia lenta de oiros e verdes hesitantes, a compasso com o poente, em metamorfoses de luz e cores, escoadas através duma rosácea de ábside, desde o vermelho gritante da Austerlitz gloriosas, ao cinzento frio e moribundo...

Outono. Rafael reflecte-se nas pinceladas metálicas do ocidente. A agonia do Sol, em raivas de lume, entra na última das estrofes, na ribalta do horizonte, ferida, ensangue — shakespeareana.

Olho o meu jardim abandonado, como se olha um espelho, na hora íntima do envelhecer, e fico desolado. A tarde tem um ar doentio. Aquela rosa, invulgar, suspensa da pérgola, emurcheceu, ressequida, aos beijos de fogo do Verão, moreno e ardente como um «jitano».

Os arbustos continuam a chorar uma folhagem fulva, que cai atapatando as afeias.

Toda a estatutária do jardim tem um ar vago de figurão estática, cuja mímica declamatória os arbustos parecem copiar em tiradas de Eurípedes e Sôcofoles, arrebatadas, nuas, descarnadas, erguidas para o céu.

Dir-se-ia que a Grécia, de Péricles, revive com todo o esplendor da sua civilização, nos oiros da tarde!

Retratando-se no «bisauté» oval do largo esmeraldino, Vénus, decotada até à alma, como uma Ferinée, empunha a lira... Recita, na música do seu sonho, a sinfonia heróica do destino...

(Continuação na 3.ª página)

## Postal de Faro

Belo na simplicidade e modernidade das suas linhas, útil pelo fim que o justifica, situado no seu próprio ambiente, o edifício que o Ginásio Clube Naval fez construir para sua sede, mirando-se airoso nas águas serenas da doca, é afinal mais um passo em frente para o progresso dos desportos náuticos, mormente a vela, neste Algarve de tantas e tão belas tradições marítimas. E que, não se poupando a esforços, ainda que estes sejam gigantescos, como foi o dispendio nesta construção, a actual Direcção daquela prestigiosa colectividade compreendeu que para bem do Clube e do Desporto o problema da sede é um problema primário e ponto de partida, uma vez resolvido, para maiores e melhores realizações.

Ele ali está! Embelezando a cidade, dando-lhe um valioso contributo de ordem urbanística e ao mesmo tempo mostrando aos que cá chegam que a nossa juventude continua a crer no poder avassalador do mar, no seu mistério de sonho e de aventura, e a ver nele uma escola de virtudes e alfofre de caracteres. Ozalá a mocidade possa colaborar, como é seu dever, nas actividades que lhe foram destinadas, impregnando-lhes um espírito de sã desportividade.

O mar é o ambiente belo, cruzado pelos nossos maiores, predestinado por Deus para a glória de Portugal e onde a nossa gente tem conhecido os momentos mais belos da sua bela história. Foi para continuar esta campanha de «Rumo ao Mar», que o edifício-sede do G. C. N. se ergueu, de modo a facilitar a todas as camadas populacionais da cidade, a prática das modalidades náuticas, no sentido duma melhoria física e duma melhor compreensão desportiva.

A obra está feita e o campo de acção é grande e infinitamente belo! Que a cidade saiba aproveitar dos benefícios concedidos, estimular as actividades náutico-desportivas e compreender dos esforços realizados para erguer obras como esta, são os melhores votos que endereçamos ao G. C. N., a cuja Direcção apresentamos o testemunho das nossas felicitações pela obra realizada em prol do Desporto Algarvio.

Faro, 7 de Novembro de 1957

JOÃO LEAL

18 NOV. 1957

ANO I

N.º 21

17 NOVEMBRO

1957

Correspondência  
para

Casimiro de Brito

Rua Bocage, 140  
FARO

## Crónicas do tempo de hoje

IV  
UM POEMA DE LUCRÉCIO

Venha de que tempo vier, venha de que terra vier, a poesia é o eterno e a beleza pura. Os poetas são os mestres, por excelência, da sublimação da vida. Descobri, agora, num montão de papéis antigos, este poema de Lucrécio, o antigo poeta latino, traduzido não sei por quem. Ei-lo:

*Coisa nenhuma subsiste mas tudo flue.*

*Fragmento ajusta-se a fragmento e as coisas assim crescem até que as conheçamos e nomeamos.*

*Fundem-se e já não são as coisas que conheceramos.*

*Formados dos átomos que caem velozes ou lentos vejo os sóis, vejo os sistemas se ordenarem; e tanto os sóis como os sistemas lentamente derivam no eterno impulso.*

*Tu também, ó Terra, teus impérios, países e mares, a menor de todas as galaxias, também formada assim, também tu te irás, ó Terra, e hora a hora vais indo, ó Terra!*

*Nada subsiste. Teus mares desaparecerão em névoa, as areias abandonarão o seu lugar e onde se acamam outros mares abrirão, com suas foices de brancura, outras baías.*

V  
UM CASAMENTO

A Lálá e o Jôca casaram ontem.

Está visto que os leitores não sabem quem são a Lálá e o Jôca. Bem, não desfazendo em quem me lê, a Lálá e o Jôca, são, respectivamente, uma bonita rapariga e um rapaz da corda.

O Jôca tem um automóvel, *dernier-cri*. Um Porsch, se me não engano. Deu-lhe o pai quando ele fez o quinto ano do liceu. Desde então para cá tem entrado em quase todos os *rallies* que por aí se fazem, segundo parece, com algum êxito.

A Lálá não tem automóvel porque não quer. Nem era preciso sobretudo desde que começou a namorar com o Jôca.

... É verdade, a propósito do Jôca e da Lálá, lembre-me um episódio passado há-de haver aqui uns três meses quando fui encontrá-los em casa do Meireles, num chá familiar.

Depois de termos jogado umas partidinhas de *King*, começámos o chá. Além do Jôca, da Lálá e da família Meireles estavam mais alguns convidados entre os quais um velhote de barbicha branca e gravata sem nó, que, a páginas tantas, perguntou à assistência se tinha lido a notícia do terramoto numa cidade, lá para as ilhas do Pacífico.

Quase todos os homens tinham lido e torceram o nariz. As senhoras, porém, disseram que não, que não tinham lido nada e, entre elas, a Lálá. (Aqui para nós, eu, até aquele momento, supunha que a Lálá não sabia ler, apesar de falar francês e assinar uma revista da moda).

De maneira que o velhote começou a pintar a tragédia longínqua. A princípio, cingiu-se às notícias dos jornais. Depois, quando viu o interesse das senhoras, começou a inventar pormenores, em suma, a construir ele uma nova tragédia.

Algumas senhoras, ao mesmo tempo que metiam na boca torradas de manteiga tinham os olhos embaciados.

Até que, finalmente, o velhote terminou, informando que o Governo já tinha mandado 300 contos de auxílio aos sinistrados.

Foi um alvoroço na assembleia. Os olhos das senhoras secaram. Os cavalheiros interromperam o colóquio iniciado em surdina. E, de súbito, a Lálá falou:

— Pois é, para isso têm eles dinheiro. Mas o mês passado o clube pediu-lhes uma rediculação para se fazer mais dois *courts* e disseram que não.

— E o *rally* a Biarritz ficou em águas de bacalhau porque não puderam dar a verba de auxílio!... juntou o Jôca. Novamente a assembleia se alvoroçou.

— O quê? O *rally* foi proibido?! Palavra de honra?!... E eu que tinha mandado vir um Mercedes novo!... — lastimou-se o Meireles, filho.

Dai até ao fim o chá foi murcho. Todos tínhamos qualquer coisa a oprimir-lhes a garganta.

Pois é verdade. A Lálá e o Jôca casaram ontem. A estas horas já devem estar em França.

## VI

## OS DIÁLOGOS DA EMISSORA NACIONAL

Desde que Olavo d'Eça Leal deixou a Emissora Nacional, os diálogos de domingo passaram a ser feitos por variados autores. Olavo criou qualquer coisa de novo em matéria de diálogos radiofónicos. Todos nos lembramos da sua graciosidade, da sua especial alegria, da sua quase perfeita construção quer literária quer radiofónica, da sua profundidade, por vezes. Pois bem. Olavo d'Eça Leal saiu da Emissora por motivos que não vem ao caso mencionar nem discutir. Os diálogos de domingo começaram a andar de mão em mão, como as pombas da Catrina, madaram de intérpretes, mudaram de forma, mudaram um bocadinho em tudo. Mas isso não chegou para que alcançassem o mesmo nível dos de Olavo. Pelo contrário, baixaram absolutamente e hoje há alguns que são incríveis de mau gosto, de defesa de opiniões próprias quantas vezes anacrónicas, etc. Em suma, os diálogos de domingo já não valem a pena ser ouvidos. Mas o que é mais lamentável é que os autores actuais não tenham, ao menos, a vontade de ser originais e antes utilizem a cada passo expressões, entoações, construções que o ouvinte dos antigos diálogos de domingo nota perfeitamente serem deturpações, cópias, plágios dos tão característicos diálogos de Olavo d'Eça Leal.

ORLANDO NEVES



Trouxe o espanto todo em colares de fumo, lá, onde o rio se parte em milhares de bocas de água; dansou, líquida e leve, a harmonia lânguida daquele silêncio de água, e veio poisar os olhos nas minhas mãos quietas. Nua, percorreu a estrada cheia de picos brancos, e foi atirar-se ao mar, no momento em que o Sol se despediu de nós. Os montes abateram-se no espasmo da hora quente, e, duma vertente musgosa, a esperança brotou em lágrimas de orvalho.

Carlos Alberto Jordão

## Núvem

*Do Nada, fiz um sonho: e alguma coisa era, pois era Sonho!*

*... e o sonho é a única verdade que a mentira não tapa!*

*Essa verdade em espiral, destapada, bola de sabão com que o espírito se entretém, redonda mas infecunda, faz das almas mívens de desejos...*

*... e um desejo, principalmente aquele que a loucura da Poesia quer fazer rimar com beijo, (com o Beijo, que julga compreender mas de que desconhece a forma) contem, ele que nada tem, senão fumo e nada, o fumo da ilusão, que não passa de Sonho... — mas o Sonho, é, só por si, um mundo! — Um mundo sem princípio nem fim, o único que existe: — Justamente o contrário do que, deste, se diz...*

*Da mesma forma, igualzinho a um mundo, é o movimento, o geito que tu tens, tu, que não existes senão em partículas da minha núvem, de reclinares tua formosura no meu ombro cansado do peso da vida, quando te transformas na núvem do meu querer...*

ANTINEIA

Lisboa, 21-8-1957

## Recortes

«Os grandes antigos quando queriam revelar e propagar as mais altas virtudes, punham os seus estados em ordem. Antes de porem os seus estados em ordem punham em ordem as suas famílias. Antes de porem em ordem as suas famílias punham-se em ordem a si próprios. Antes de se porem a si próprios aperfeiçoavam as suas almas. Antes de aperfeiçoarem as suas almas, procuravam ser sinceros em seus pensamentos e ampliavam no máximo os seus conhecimentos.»

Essa ampliação de conhecimentos decorre na investigação das coisas ou de vê-las como elas são. Quando as coisas são assim investigadas, o conhecimento torna-se completo. Quando os pensamentos são sinceros, a alma torna-se perfeita. Quando a alma se torna perfeita, o homem está em ordem. Quando o homem está em ordem a sua família também fica em ordem. Quando a sua família está em ordem o estado que ele dirige também pode cair na ordem. E quando os estados caem em ordem o mundo inteiro gosa de paz e felicidade.»

CONFÚCIO

Poema II MANUEL FERREIRA,  
escritor popular

por CASIMIRO DE BRITO

Ao iniciar a sua actividade literária, como Autor, em 1944 com o livro de contos GREI, Manuel Ferreira parece ter planificada uma rota que nunca mais abandonou. Da vida quotidiana e aparentemente oca, subversiva, de uma pequena povoação situada na Beira, desenhou-nos 8 histórias, mais ou menos interligadas, já porque o elemento principal foi sempre o humano, com as suas afinidades, envolvido, amoldado pela sua rede vital, desempenhando o seu geralmente inglorio papel neste palco real e transmutável, onde a acção que se segue não está previamente sequenciada, e nos aparece sempre com o sabor ou amargor de novidade, mesmo nas pequenas coisas. Este palco ingente que Shakespeare definiu e cantou assim: *All the world's a stage; and all the men and women merely players; / they have their exits and their entrances...*

Manuel Ferreira ligou-se, imediatamente, por intermédio da sua nevelística, às chamadas classes inferiores da sociedade. Não porque nesse campo haja possibilidade de uma recreação mais interessante no aspecto literário, mas sim porque são elas que devem ser transportadas para o romanesco, de modo a atenuar-lhes o sofrimento e a divulgar-lhes os aspectos actuáveis do seu *struggle for life*. É aliás esse o caminho palmilhado por grande parte dos modernos escritores portugueses, e aplausos não lhes devem ser regateados. Porque a literatura deve ser um elemento socializante, arte planifetária até, como a definiu um escritor inglês muito em voga.

GREI, o primeiro livro de Manuel Ferreira, coloca-nos imediatamente em face de um escritor de grandes possibilidades. A estilística atinge a perfeição no seu sabor a regional, as histórias ligam-se apesar de se tratar de um livro de contos, desfilam de personagens diferentes, mas todos autênticos, humanos. Diria conhecidos do próprio escritor. Ia mesmo afirmar que as histórias de GREI são verdadeiras, ou têm, pelo menos, largas afinidades com a realidade. O conto «Eu fui marcado à nascença» parece-me até uma biografia do Autor, ou uma biografia do comum dos homens válidos, autodidactas, que merecem do seu esforço pessoal, nada devem à sociedade a que pertencem, ou a ela devem, unicamente, aquela presença de um mal que urge corrigir. Grito contra a sociedade? Sem dúvida... e prova-o os restantes contos do livro, especialmente o último, «O sino tocou a rebate», que continua a história do primeiro, a daquele António pobre e portanto destinado a vegetar toda a vida, agora consciente do seu lugar ou não lugar na sociedade, como pedra activa.

4 anos depois, Manuel Ferreira publica MORNÁ, contos de Cabo Verde. E são ainda os degraus ínfimos da escala social que M. F. desenha. Agora é o drama dos nativos de Cabo Verde, negros ou crioulos, apertados pelo mar e pela fome, ansiosos de partir e ao mesmo tempo arrastados ao desejo de ficar, dolentemente embebedados pelo grogue para esquecer a maldita vida, coaleantemente enroscados através



dos ritos herdados da selva distante, o samba, a rumba, a morna... MORNÁ é ainda um grupo de histórias diferentes, caminhando porém para um fim básico, vindas da mesma raiz: da miséria do indígena para a miséria do indígena. O efeito é interessante, quando um narrador de *short stories* nos apresenta tipos afins, ligados por um modo de viver quase igual, amarrados por um drama que vem do fundo dos tempos (Nhô João, o mais velho dos nativos negros, se lembra ainda do tempo da escravatura) e caminha para um futuro rasteiramente progressivo (*Dona Ester é branca e se envergonha dos negros; sua filha não compreende porque são os negros inferiores aos brancos; e quando Dona Ester vai aprender inglês com uma negra, a filha se admira de si para si porque uma simples negra sabe mais do que mamãe*)... nestes dois extremos, o tempo da escravatura e o do snobismo burguês, Manuel Ferreira situa os principais pontos do seu livro de contos, dotando-o da consistência de romance, não literariamente falando, mas romance, vida, fado, miséria de negro só porque é negro...

MORNÁ, tal como GREI, distingue-se por um preciosismo linguístico. Além falava-se o português regional da Beira, no seu calão repassado de simplicidade, aqui o crioulo, nos seus sons abasteados, sabendo a sertão. E não é só nos diálogos que existe o regionalismo dos livros de M. F.: é também no descritivo, dotando a sua literatura de um sabor populista, verídico, sem especulações de ordem literária. Com esta meia dúzia de histórias excelentemente contadas, o Autor coloca-se entre os nossos melhores escritores ultramarinos.

E segue-se o seu primeiro romance, A CASA DOS MOTAS, publicado este ano, incluído na Coleção Orion.

A linha de interesse, é ainda a mesma. Em nossa presença uma galeria de personagens onde o realismo assume posição de destaque. Realismo literário é essencialmente diferente do realismo na vida. Ali é a recreação artística de ambientes e indivíduos, aproximando-se do verismo real, resultando porém sempre ficção, já porque de ficção se trata. A

(Continuação na 3.ª página)

## VENEZA

Um poema de YVETTE QUÉTARD

Praça de San Marco  
Nós éramos quatro mas eu estava só.  
Veneza e eu.  
Eu sentia-me nela  
E ela estava em mim.

Os Palácios, os doirados e as jóias  
Tinham desaparecido.  
A minha amiga não era mais que reflexos e cor,  
Amiga feita de sol  
Sobre as pontes  
E de rugas  
Na água.

Amiga subitamente feita de nada,  
De luz,  
Dum pedaço de céu entre duas sombras,  
De silêncio sobre a terra  
E de vida a naufragar  
Na água.

Setembro, 1957

(Tradução de RUI MENDES)

# «Loulé... em retrato»

Por toda a parte, a espeliologia profunda os segredos das cavernas, estuda as formas das grutas, descobre vestígios e sinais de civilizações desaparecidas ou restos de animais convertidos em fósseis.

O nosso concelho é rico de exemplares de cavernas, grutas e algarifes que podem proporcionar fascinantes investigações ou riquíssimos motivos de turismo.

Porque não organizar com o concurso das Juntas de Freguesia, um inventário de todos esses recintos e de procurar profundá-los e, aos que o merecem, dar-lhe acesso fácil e entrada capaz.

As célebres cavernas da Rocha da Soledade em Querença, os algarifes de Cabeça Gorda, do Alto Fica, de Vale Telheiro e a gruta dos Soidos, em Alte, a da Rocha da Pena, em Salir, não poderiam proporcionar valiosos atractivos turísticos?

Dê-se nova vida a essas pesquisas, interessem-se os novos por essas explorações e estude-se a possibilidade de os tornar motivos de atracção e chamariz dos visitantes, que só valorizaremos Loulé.

Consta-nos que o sr. Presidente da Câmara visitou no passado domingo o miradouro da Picota e avallou a importância turística que, para o nosso concelho, representa esse inigualável panorama, talvez o melhor e mais variado do Algarve.

Que essa visita traduzia o interesse da Municipalidade pela macadamização e alcatroamento da estrada que os lavradores da Picota abriram quase inteiramente à sua custa, para nos des-

vendarem esse verdadeiro trunfo turístico.

Discos do cinema! Afinal já chegaram os discos, mas parece que eram feitos de uma matéria plástica que era alérgica ao peso do diagrama do pick-up. E ao colocar este sobre o disco, não havia possibilidade de os fazer circular.

Se temos discos novos, falta o pick-up conveniente, e estamos em dizer que se o pick-up for substituído os discos não reagem, porque o que é preciso é não mudar de disco.

Uma coisa que admira em Loulé, é que se não veja expostos nas montras das mercearias pacotes de figo, ou mesmo caixas.

Sendo Loulé, um dos melhores centros produtores de figo do Algarve, existindo algumas firmas exportadoras que têm marcas registadas e, certamente, envólucros interessantes, parece errado que se não faça propaganda do produto louletano.

Em Faro, em Albufeira, em Portimão, em Tavira, pode-se adquirir no café ou nas mercearias, pacotes de vários formatos e pesos.

Em Loulé, é preciso ir aos fumeiros ou aos armazéns dessas firmas, para descobrir os figos em pacotes ou caixas.

Várias pessoas de fora, perguntam se em Loulé, não há figos e ficam, na dúvida quando se lhes diz que quem quer figos tem de ir procurá-los.

Por que será que em Loulé, «não há figos»?

A um senhor que, uma vez comentou com irónico espírito de curiosidade, o facto de eu estar isolado no café, em determinados dias, direi apenas que não acho que valha a pena, acamardar ou aproximar-me de pessoas da sua mentalidade. E apenas o reconhecimento do velho provérbio: «Mais vale só...»

Passou no dia 11 de Novembro, o 39.º aniversário do armistício da primeira Grande Guerra. Várias localidades comemoraram a data com cerimónias religiosas e deposição de flores junto dos monumentos ou lápides que consagram a memória dos desaparecidos.

Em Espinho foi inaugurado um monumento aos mortos da Grande Guerra.

Reporter X

## Cruzeiro Pescaria da F. N. A. T.

No sentido da facilitar aos pescadores desportivos do continente o conhecimento das melhores zonas pesqueiras da Madeira e dos Açores, organizou a F. N. A. T. um cruzeiro a bordo do vapor Carvalho Araújo.

As provas que tomaram ainda o aspecto de disputa entre pescadores do continente e das ilhas adjacentes, tiveram lugar na Ilha da Madeira — entre o Funchal e Câmara de Lobos — e ao largo da ilha de S. Miguel e constituíram motivo de extraordinário entusiasmo.

Houve larga distribuição de prémios, a qual foi motivo de nova confraternização, tendo saído vencedor em primeiro lugar o sr. Dr. Joaquim Ferreira Baptista, por marcada diferença do segundo classificado.

João Leal

# GRANDE BAIXA-DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85  
JOÃO DE OLIVEIRA  
Av. Marçal Pacheco — Loulé

## Quarteira, a nossa Praia

(Continuação da 1.ª página)

que, na actual esplanada, se vão construir salas e um primeiro andar e isto surpreende-nos porquanto a concretizar-se esta afirmação lá se vai o fulcro de todo o plano, lá se desfaz toda a configuração do conjunto!

Haverá que refazer todo o estudo já elaborado e planejar uma nova configuração, assentar em novas directrizes e pontos de partida, para estabelecer um conjunto que é, em si, uma nova estrutura, um novo Plano de Urbanização.

Valerá a pena tentá-lo!

Sujeitar Quarteira a uma nova configuração, a mais prolongada impossibilidade de construir, a maior impossibilidade de localização de um hotel, a maior confusão de opiniões divergentes?

Para quê?

Promete-se-nos ao menos que as construções projectadas pela Junta, tem carácter duradouro e representam algo de interesse e valor para o engrandecimento de Quarteira?

Que o problema seja devidamente equacionado não vamos estragar ou emendar o que está feito em sujeição a ideias ou preferências sentimentais abstratas ou simplesmente dilatórias da aprovação por que há tanto tempo esperamos.

R. P.

## VENDE-SE

Máquina cilíndrica Singer, para calçado, servindo para coser chapéus. Em optimo estado.

Tratar com João Martins Rodrigues — Loulé.

O PNEU que mais barato lhe sai por Km.

é o da  
MABOR General  
Agente em LOULÉ  
Manuel de Sousa Pedro  
Largo Dr. Bernardo Lopes

## MANUEL FERREIRA

(Continuação da 2.ª página)

vida não é literatura, é como é, dura com asas de alegria por ela esvoaçando de quando em quando, amarra ligando à terra negra os homens esperançados, uma vez acariolando-lhes os membros que os ligam à terra, outras torturando-os fortemente com a rudeza do seu aço... E o merecimento de uma obra realista, está no potencial de confusão que consegue elevar entre a vida real, exterior, e a vida na obra de arte, estática.

A CASA DOS MOTAS, é um dos bons romances realistas ultimamente escritos em Portugal. Este Mota e este Rafael Santos, ligados pela força das circunstâncias a um desejo mútuo de um vencer o outro; esta Maria Sapateira e este Franzino pedindo pão para os filhos, em troca de trabalho, material de troca que sobeja; esta Maria Luiza e o seu conflito amoroso; este Calado, empregado cumpridor dos seus deveres, mas não admitindo que lhe toquem no fundo das calças; todo esse povo, que pelas páginas deste belo romance passa chorando e rindo, moirando e sofrendo, realizando-se como intérpretes de um papel que lhes está destinado, quem sabe porque mágicas artes, é tratado com maestria notável, com uma simpatia admirável. E mesmo uma das principais notas de A CASA DOS MOTAS, a simpatia com que Manuel Ferreira trata os seus personagens. Através de todo o romance, não nos surge um único mau. Parecerão maus, sim, aos seus rivais, aos elementos antagonistas. Mas devidamente apresentados como se sentem, ou como os familiares ou os amigos os consideram, todos eles são bons, ou, quando maus, apenas em virtude da ginástica a que a vida os força. É o caso do mau Correia Lopes, carinhoso na cena com a esposa e com o patrão; é o caso de Sapateira quando se explica que, se se perdia com o Mota, era porque o marido, o pobre do Franzino, cansado de um dia extenuante de trabalho, lhe virava as costas; é o caso do próprio Mota, ao introspecionar-se, meditando nos seus problemas. Manuel Ferreira é mais um escritor a querer dizer-nos que os homens não são maus. O que falta sim, como diria Maurois, é atenuar-lhes os motivos da maldade, quase sempre causados pelas condições vitais precárias, pelo ambiente que os transforma, os estupidifica, os endurece.

Em Luís Pinto, protótipo do autodidacta esperançado num amanhã melhor, encontramos o António do primeiro e último conto de GREI. Personagem que passou pelo romance, quase só sombra, sem ter dito e feito o que dele se esperava. Mas aqui há uma explicação, crio pelo menos esta explicação: não será Luís Pinto o fio a desenrolar num próximo romance? Creio bem que sim, e Manuel Ferreira no-lo dirá.

O nome de Manuel Ferreira, portador de uma mensagem de amor e compreensão entre os homens, ficará em suspenso. Porque dele muito mais há a esperar, muito mais. Dos fracços não reza a história — lá diz o ditado antigo...

Faro, Agosto de 57

Casimiro de Brito

Vendem-se

Diversas propriedades, em Salir, que foram de Artur Andrade.

Quem pretender dirija-se a Maria Teixeira de Andrade ou a José Cavaco, em Salir.

Massa de medronho

Vende mil arrobas, ao preço de 9\$00 cada arroba, podendo fabricar a aguardente no mesmo local, por conta do comprador.

Quem pretender pode tratar com José Nogueira — Vermelhos — Ameixial.

# QUARTEIRA... EM RETRATO

(Continuação da 1.ª página)

tinho do Porto, quanto à iluminação desta Praia.

3.º — Os números que demonstram que a exploração da luz eléctrica dá pequenos saldos que aumentam as fracas receitas da Junta, são: em 1955, Esc. 6.908\$00; em 1956, 1.581\$40; em 1957, e até 24 de Outubro, Esc. 3 899\$60. Os respectivos balancetes estão à disposição do nosso interlocutor.

Há que adicionar a estes saldos o valor da energia eléctrica consumida pela Esplanada dancing, que é um dos maiores consumidores particulares desta Praia.

4.º — A aprovação das contas de gerência da Junta de Turismo pelo Tribunal de Contas, donde consta a exploração da energia eléctrica, leva-nos a concluir que aquele Tribunal Superior de Administração Financeira do Estado não concorda também com a classificação de *deturpamento de funções* que R. P. diz haver. Pode-se por isso concluir que em R. P. é que haverá deturpamento... crítico, que recorda a história de Apeles, sapateiro...

5.º — R. P. deve lembrar-se do artigo publicado na *Voz de Loulé* em Maio deste ano, sob o título «Loulé, ligado à rede de electrificação nacional». Por ele tinha-se conhecimento das tarifas publicadas no «Diário do Governo», II Série, n.º 48, de 27/2/1957 e das condições de fornecimento de energia em baixa e alta tensão.

Quando a energia fosse fornecida em baixa tensão, a sua liquidação obedeceria a uma fórmula matemática que a «Voz» citava (aliás, erradamente...), o que obrigaria os consumidores de Quarteira a terem um consumo mínimo anual, durante 10 anos, donde resultaria, em face do consumo médio provável, o seguinte: —

a) — Ou o quilovatio-hora teria que ser vendido ao público consumidor por um preço duplo do que a Junta o vende actualmente e que é de 4\$00 cada;

b) — Ou a Câmara Municipal teria que multiplicar por 10 a contribuição de

5.000\$00 que paga para a iluminação pública de Quarteira.

Estes dados, assim como as condições do fornecimento da energia em alta tensão foram confirmados à Junta de Turismo pelos engenheiros da CEAL.

6.º — Ao contrário de R. P., que supõe que o serviço público da iluminação de Quarteira não deve competir à Junta de Turismo, nós julgamos que se Quarteira foi a 1.ª freguesia rural a ter energia eléctrica, foi porque se dispôs das receitas de 3% sobre as contribuições predial e industrial que lhe permitiram ter hoje valores de 250.000\$00 na sua rede de distribuição e na Central eléctrica. A nossa Praia beneficiou desta forma, por ser a mais visitada freguesia do concelho, aquela onde os louletanos vêm repousar e beneficiar dos banhos marítimos que, às crianças, são indispensáveis para as fazer adultos mais sãos.

Só é para lamentar que as receitas da nossa Câmara não sejam maiores, para ter podido dar mais cêdo, a todas as freguesias, a energia eléctrica que sómente 20 anos passados vão ter, assim como as águas potáveis e os esgotos que todas elas deveriam ter... nos precisos termos das Leis de Meios.

7.º — Concluimos, pois, como o anteriormente fizemos: a Junta de Turismo espera que a Câmara Municipal diga de quais as condições em que lhe pode vender a energia em alta tensão, pois a Junta construirá a linha até Vale d'Eguas ou Quatro Estradas, no fim da 2.ª fase de electrificação do Concelho.

Quarteira tem o direito moral de administrar a sua energia, como justa recompensa aos esforços feitos na construção da sua própria rede e Central eléctricas — tanto mais que só há pouco tempo começou a ter alguns lucros nessa exploração.

Enquanto a linha de alta tensão não chegar a Vale d'Eguas, vamos abastecer-nos com um motor em 2.ª mão, em quantidade e permanência de energia.

A. S. P.

# O OUTONO

(Continuação da 1.ª página)

A tarde continua a descer como um pano de boca sobre um drama de saudade. Apenas a fonte chora, na sina eterna do seu carpir de máguas infindas, perturbando o silêncio pesado das coisas.

Continuo a percorrer o meu jardim abandonado. Calara-se na quebradas as frutas. Agora, o ouro é sangue, onde o Sol se mergulha, como um vencido de Fournier, exibindo um fim de raça teatral.

Em todas as coisas o sentimento é profundo — na alma, nas pedras, na luz, nos seres e no amor...

A propósito de amor... Recordo que foi neste jardim que nos conhecemos, por um entardecer ridente de Primavera, que gravámos no rugoso tronco dum arbusto duas iniciais num coração — as nossas — como escritura sagrada numa paixão infinita.

Cá está... Todos os anos a Primavera, ao voltar, não se esquece de alindar de rebentos novos, com a devoção com que se ilumina um nicho, em horas de solidão.

Anoteceu já. Faltou a luz... Agora o meu jardim, abandonado, perdido na treva, confunde na sua cegueira arbustos, estatúas — tudo, num abraço negro de tristeza imensa.

Esta noite o luar faltou. Não se assomará ao seu balcão florido de luz. Eu que fiquei triste e perdido na solidão com um arbusto, como uma estúpida ou uma folha dispersa... Singular destino... busco, a tactear, um banco para repousar um momento.

Faz bem meditar — ficar aqui sepultado na vala comum da solidão imensa. Vou filosofando, a sós, como um Hamlet... Há anos já que te partiste e continuo a esperar-te, de regresso, desse ostracismo.

Uma estrela riscou o espaço num traço de luz... Porque deixou a estrela de ser estrela? Precipitar-se-ia no espaço, despidendo-se das luzes e gemas solares do seu trajo de rainha do firmamento, para ser treva — para ser deste jardim abandonado?

Anoteceu na Natureza. O meu jardim abandonado é agora uma noite de Outono, fria e desolada.

Apenas a fonte continua a murmurar na solidão o seu «terço» de máguas infinitas.

Estou só como a noite, que me envolve no seu trajo negro de mater dolorosa. Negro profundo, vazio duma saudade imensa, é tudo quanto me resta...

O Outono é assim, foi sempre assim... Oiro impressionista, negro saudosista — as duas cores que José Duro detestava e amava...

Começa a despontar um luar preguiçoso e tardio — afastando as névens de arminho do seu olhar...

O meu jardim renasce. O mármore é agora mais mármore — mais frio. O desnudado dos arbustos é mais acentuado pelo traço prateado da lua, que aviva a sua nudez.

A luz do luar incide mais a mais, insistente, e o jardim ganha mais relevo na sua desolção.

Vênus, lira em punho, decotada até à alma, continua a executar Beethoven, na Sinfonia Heróica... do Destino.

Faro, 3-XI-1957

António Augusto Santos

# MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

# CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapacarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis  
Colchões MOLOFLEX Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador



## Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido  
por Lei, vendem-se na

**Gráfica Louletana**  
LOULÉ

## Notícias pessoais

### ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Novembro:

Em 19, o sr. Manuel Gonçalves Cachola e a menina Isabel Maria Rodrigues Guerra.

Em 20, o sr. José Mendonça Horta e o menino Walter Ricardo Guerreiro da Piedade Caracol.

Em 21, o sr. Capitão António Alberto Carrilho Cavaco, residente em Abrantes e a menina Maria Paula Sá Pereira Pinto.

Em 22, o sr. Helder Cavaco Tavares.

Em 23, a sr.ª D. Maria das Dores Cristóvão da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa, o sr. José Cavaco Vieira, residente em Alte, e a menina Maria Rosa Serafim Campina, residente em Lisboa.

Em 24, a sr.ª D. Francisca Dias da Piedade Formosinho, D. Bárbara da Conceição Coelho Guia, residente em Grandola e D. Maria Esteves Farrajota Bento e o sr. Manuel José Brito da Marna.

Em 25, a sr.ª Dr. D. Maria Júlia Nascimento Costa.

Em 26, a sr.ª Dr.ª D. Maria Lisete Vinhas Pinto Lopes Elias Garcia, residente em Faro, o sr. Rogério Pereira Marcelino e a menina Alberta Maria da Silva Filho.

Em 27, a menina Felismina Mestre Pires e o menino João Angelo dos Santos Delgado.

Em 28, a sr.ª D. Maria do Carmo Coelho Corpas, residente em Lisboa, os srs. Modesto Guerreiro Marum, Anibal Miguel Mesquita e Luís Henrique de Sousa Clemente.

Em 29, o sr. António Inácio de Sousa Martins, residente em Quarteira e a menina Dilia Maria da Silva Clemente.

Em 30, a sr.ª D. Maria Augusta Cabral Canelas e os srs. José Francisco Costa e José Ricardo de Sousa Ferreira.

### PARTIDAS E CHEGADAS

Já regressou a Loulé, tendo ficado a leccionar no Colégio Infante D. Henrique, a nossa conterrânea sr.ª Dr.ª D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto, que recentemente concluiu a sua formatura em Ciências Matemáticas.

Também está em Loulé a nossa conterrânea sr.ª Dr.ª D. Alda dos Santos Viegas, que igualmente recentemente concluiu a sua formatura em Ciências Matemáticas.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Rogério Martins da Cruz, nosso estimado assinante em Lisboa.

Apoz terem passado uma temporada em Loulé, regressaram à Venezuela o sr. José de Sousa Zacarias e sua esposa sr.ª D. Lídia Guerreiro Faisca e sua filha menina Maria da Assunção Faisca Zacarias.

### CASAMENTO

No pretérito dia 3 de Novembro, realizou-se na Igreja de S. Lourenço de Almoncil, o enlace matrimonial da menina Natália Faisca Portela, pretendida filha da sr.ª D. Emília Pires Faisca e do sr. José Mendonça Portela (falecido), com o sr. José Rodrigues Matoso, filho da sr.ª D. Maria das Dores Rodrigues Simão e do sr. Manuel Rodrigues. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus tios sr. José de Sousa Zacarias e esposa sr.ª D. Lídia Guerreiro Faisca e por parte do noivo os srs. Serafim da Palma Rodrigues e Manuel de Sousa Caligó.

Os noivos vão fixar a sua residência em Marrocos.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

## Despedida

Manuel Guiomar Estêvão, em virtude de, por motivo de promoção, ter sido transferido para a Agência do Banco N. Ultramarino, na Covilhã, e não lhe tendo sido possível despedir-se pessoalmente de todas as pessoas amigas e de suas relações, vem fazer-lo por este meio, oferecendo os seus limitados préstimos naquela cidade.

## Alfarrobeiras

EM VASOS  
Vendem-se  
Tratar na Farmácia Pinto LOULÉ

## Electrificação do Concelho de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

me, lugares da Pedreira, Morgado, Ponte de Salir, Salir, Castelo, Vendas Novas, Benafim Grande e Alte.

Além das redes electricas apontadas serão executadas as linhas de alta tensão entre Boliqueime e Fonte de Boliqueime, assim como entre a Campina da Cima e Alte, passando por Ponte de Salir, Salir e Benafim. Esta fase compreende ainda a execução de postos de transformação em Boliqueime, Pogo de Boliqueime Campina de Cima, Ponte de Salir, Benafim e Alte, assim como a construção de uma sub-estação na Central Electrica de Loulé.

O valor do orçamento dos trabalhos, rectificado na Direcção-Geral dos Serviços Electricos é de 3.212.000\$00 ao qual corresponde a participação concedida à Câmara da importância de 1.525.700\$00.

Na nossa Câmara tudo se apresta por forma a abrir-se concurso público para adjudicação dos trabalhos de modo que, no mais curto lapso de tempo se possa começar a usufruir os benefícios do Plano de Electrificação que o Governo gizou e que, na sua quota parte, às camaras compete dar execução.

É de esperar que a Direcção-Geral dos Serviços Electricos, dentro de prazo curto, conceda ao nosso município a comparticipação correspondente à 2.ª fase desta importante obra cujo projecto foi entregue nos respectivos serviços em Agosto de 1956 e que bom seria tivesse sido estudado em conjunto com o da 1.ª fase, uma vez que assim Loulé obteria compensação do atraso sofrido no estudo do 1.º.

A 2.ª fase compreende a electrificação de: Tôr, Goncinha, Areiro, Almoncil e Vale d'Eguas.

## Aos nossos assinantes de LOULÉ

Pedimos encarecidamente o especial favor de liquidarem os seus recibos quando lhes são apresentados, pois o jornal traz-nos pesados encargos que não podemos deixar para «amanhã» e só com a boa vontade de todos os nossos assinantes será possível manter-lo — pelo menos em quinzenário.

Causa - nos grande transtorno fazer «colecção» de recibos...

## PARA RIR

— Arranjei finalmente um emprego...

— Que emprego?

— Sou cobrador.

— Hum... Com esse emprego serás mal recebido em toda a parte.

— Pelo contrário: todos gostam de me ver e me dizem: «Volve amanhã».

( ) — ( ) — ( ) — ( ) — ( ) — ( )

## Sociedade Colombiã de Loulé

A fim de proceder à entrega das taças e outros prémios aos vencedores da última temporada, a Direcção da Sociedade Colombiã de Loulé promove no próximo dia 1 de Dezembro, no Salão Azul da Campina, de Cima, um festival que será seguido de baile.

## FUTEBOL EM LOULÉ

LOULETANO, 4 BOA ESPERANÇA, 0

A contar para o Campeonato do Algarve da III Divisão, realizou-se no passado domingo, no Estádio da Campina, um encontro de futebol entre as equipas do Louletano D. Clube e o Boa Esperança, de Portimão.

Em face do seu excelente comportamento no desafio contra o Desportivo de S. Brás a equipa do Louletano sentia-se à vontade ao enfrentar um adversário que se previa oferecia fraca réplica.

Na verdade a vitória do Louletano por 4-0 é bem significativa. Foi um adversário fácil de vencer e o resultado poderia ter sido mais volumoso se não fora o factor sorte ter favorecido os visitantes.

Tanto na 1.ª como na 2.ª parte, o Louletano dominou por completo, fazendo perigar constantemente as vulneráveis redes do adversário. Apesar disso a 1.ª parte terminou por 1-0, tendo o golo sido obtido por Fome numa recarga de André.

Na 2.ª parte o Louletano conseguiu mais 3 golos, manifestando nítida superioridade.

A actual classificação é a seguinte:

Lusitano, 5 pontos; Louletano, 4; Unidos, 3; Desportivo, 3; Silves, 3; Boa Esperança, 0.

## Écos do AMEIXIAL

AMEIXIAL VÊ COM MAGUA A ABALADA DO SEU PAROCO

Ameixial acaba de sofrer um duro golpe com a saída do seu pároco, Reverendo Joaquim Fernando Moreira, que tão grandes e assinalados serviços prestou a esta freguesia, durante o tempo que aqui exerceu o sacerdócio.

Este povo chora e lamenta a retirada do seu Padre, que foi um amigo dedicado desta freguesia, tendo-se realizado aqui por sua iniciativa alguns importantes melhoramentos que só a ele se devem, como sejam a restauração da nossa Igreja Matriz, que ameaçava ruína, a fonte dos Vermelhos, construída recentemente, uma obra de grande necessidade, e outros melhoramentos, estando alguns em vias de realização, que em virtude da sua saída desta freguesia tarde ou nunca se realizarão.

Além de um grande amigo desta freguesia é um grande benemérito, sendo um grande amigo dos pobres por quem amadadas vezes distribuía roupas e dinheiro, e aos doentes menos abastados comprava-lhes medicamentos e outros artigos de que mais necessitavam, praticando todos estes actos de generosidade sem a menor sombra de vaidade.

Deixa o Rev. Joaquim Fernando Moreira em cada ameixialense um amigo.

Augusto Teixeira

## ARMAZÉM

Aluga-se um armazem na Avenida José da Costa Mea-lha, 4.

## FÀBRICA DE MANILHAS

DE

José Domingos de Sousa

ALMANCIL

Informa todos os interessados que iniciou o fabrico de manilhas para canalizações de água e construção civil, com garantia para resistirem a fortes prersões.

## Julieta Domingues

Professora Diplomada de Corte e Alta Costura



Participa às suas estimadas Clientes e a todas as Senhoras que mudou a sua residência para a

RUA EGAS MONIZ, 22

(Esquina da Rua das Lojas)

onde continua aguardando as suas prezadas ordens.

Além de vestuário para senhoras e crianças, executa também com rapidez, econcmia e perfeição, todos os trabalhos em malhas para senhoras, homens e crianças, com os mais modernos padrões em «tricot» artístico.

## Festa dos bacalhoeiros

(Continuação da 1.ª página)

as duras fainas do bacalhau, os quatrocentos e tantos pescadores que desta povoação, — todos os anos demandam os mares da Groelândia, acompanhados das famílias, vão despedir-se da Senhora do Livramento, ali a pouco mais de dois quilómetros. Quando regressam, novamente a visitam e agradecem a vida, pois não poucos são os que, todos os anos, a morte arrebatou lá longe, distantes da Pátria e da família. Razão porque, na véspera da festa, vão devotamente buscar para a Fuseta a Senhora do Livramento, que juntamente com a Senhora do Carmo, no outro dia, percorre as ruas da terra. No fim, lá vão novamente, colocá-la no mesmo altar, na minúscula e simples capelinha do Livramento.

Como todos os anos, isto já de tempos bastante idos, a Banda da Música Minerva de Loulé esteve presente.

A festa não se fazia sem ela, pois podem haver muitas bandas, pode faltar o fogo, mas a banda de Loulé estará presente, porque a Fuseta se habituou a ela, e é a ela que quer em primeiro lugar. Digam quantos à festa assistiram e aplaudiram na noite do arraial em que tocou com outras. A sua música tocava mais fundo, em qualquer coisa que fazia as palmas brotarem ao fim de cada número e durante três dias, a Banda de Loulé andou pelas ruas estreitas do pequeno burgo.

J. N.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

## Banco Nacional Ultramarino

Em substituição dos empregados Manuel Guiomar Estêvão e Dail Ginestal da Costa Campos, que foram colocados nas Dependências deste Banco, respectivamente na Covilhã e Tavira, tomaram posse em Loulé, os srs. José Sequeira Veríssimo e Mário Cabrita Guerreiro, transferidos, também respectivamente, da Séde em Lisboa e da Dependência de Tavira.

O sr. Mário Cabrita, já esteve prestando serviço em Loulé, durante mais de um ano, tendo saído por motivo de promoção à classe imediata na qual está agora colocado.

## O Ministério

DA

## Educação Nacional

galardoou milhares de ADULTOS e ADOLESCENTES

Prosseguindo na sua meritória obra de contribuir para o desenvolvimento cultural da Nação, o Ministério da Educação Nacional, por intermédio do Conselho Administrativo da Campanha Nacional de Educação de Adultos, premiou alguns milhares de adultos e adolescentes que fizeram exame da 3.ª e da 4.ª classes do Ensino Primário Elementar, no decorrer deste ano, com pequenos grupos de livros da «COLEÇÃO EDUCATIVA», totalizando muitos milhares de volumes que foram distribuídos por todo o país, espalhando assim a luz da instrução até aos mais reconditos locais.

Bem haja tal iniciativa!

Para o concelho de Loulé foram enviados 10 pacotes de livros que foram entregues a 10 adultos, de ambos os sexos, que obtiveram aprovação no seu exame, no ano em decurso.

Não sendo possível contemplar todos os aprovados, pois que neste concelho a percentagem de analfabetos tem diminuído consideravelmente, conforme prova a grande quantidade de exames realizados, escolheram-se aqueles que, por viverem em meios de mais baixa cultura mais necessitam ser iluminados pelo facho de luz da instrução, e ainda, os que melhor se distinguiram nas suas provas.

Oxalá os contemplados sejam dignos dos seus prémios. Sim, porque os livros são para se lerem e não para se amontoarem numa gaveta ou estante, e ali continuarem inúteis e esquecidos.

O livro deve ser bem tratado, bem lido, bem aproveitado. Cada leitura dará a variadíssimas conversações em que se pode afinar o gosto, purificar e aprofundar o pensamento, cultivar o espírito. É a ler que aprendemos ou recordamos o que sabemos. É a ler que ressurgem civilizações e se alinhavam progressos.

É assim, é lendo aquelas obras, já mui cuidadosamente escolhidas, e não só lendo, como emprestando a pessoas amigas, que se poderá tornar notório o grau de valor da sua leitura, bem assim, a finalidade a que pretendem chegar os que mui dignamente se empenham pelo progresso educativo e instrutivo da Nação.

M. G.

## Número especial

DE

## «Os Transportes» dedicado ao ALGARVE

Foi posto à venda este «NUMERO ESPECIAL» com 52 páginas e cerca de 120 fotografuras — podendo ser adquirido nas Livrarias e Tabacarias do Algarve, ao preço de 7\$50.

Em Lisboa vende-se na «CASA DO ALGARVE» e na Tabacaria Mónaco.

Visado pela Com. de Censura

## Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ